



Olivença,

nobre, leal e notável terra portuguesa


20 de Maio de 1801: O exército espanhol asedia e toma Olivença e ocupa grande parte do Alentejo, coagindo Portugal, em situação desesperada, a assinarem a 6 de Junho, o Tratado de Badajoz que, “em qualidade de conquista”, atribui a Praça a Espanha. Em 1 de Maio de 1808, Portugal denuncia o tratado. Em 1815, reunidas as potências beligerantes no Tratado de Viena, é reconhecida justiça nas reclamações portuguesas sobre Olivença e impõe-se “a restituição da mesma”, determinando-se os “esforços mais eficazes” para que a sua retrocessão se efective “o mais brevemente possível”...

Frequentemente, esquece-se esta terra tão genuinamente portuguesa que, por tão infelizes e indignas vicissitudes, se encontra actualmente sob a administração espanhola. Povoação das mais importantes do reino, sede do bispado de Ceuta, dela era originária o pai de Vasco da Gama; famílias portuguesas de melhor nome tinham ali origem e morada. Por isso é a vila tão pronunciadamente portuguesa, e de fisionomia alentejana: a alvenaria, a cal, a cantaria, as imponentes cha-

minés. Evidenciam-se casas apalaçadas dos Duques do Cadaval (hoje sede do Ayuntamiento) com o seu portal manuelino, dos Marçais, dos Sousas e outras, onde brilham velhos brasões portugueses. Estratégicos, o Castelo dionisino e a sua Torre de Menagem, atrevida nos seus 37 metros, o pombalino Quartel dos Dragões de Olivença, os baluartes seiscentistas com a bela Porta do Calvário. Aqui e por ali, inúmeros escudos portugueses, picados barbaramente, falam-nos na sua mudez. Manuelina, a igreja da Madalena, antiga Sé da Diocese de Ceuta; renascentista tardia e barroca, a igreja de Santa Maria do Castelo. A igreja da Misericórdia, fundada logo em 1501, até hoje esteio da cultura e dos valores portugueses.

Sobre o Guadiana, a monumental ponte manuelina da Ajuda, em alvenaria argamassada, silharia nas aduelas, abóbadas e talhamares, ligou as duas margens até 1709, quando a tropa borbónica fez explodir os arcos centrais. A jusante, uma nova ponte em betão, construída por Portugal e inaugurada em 2000, restabelecendo o contacto direc-

to de Olivença com o território nacional.

Nas ruas ouve-se falar com a mesma entoação da banda de cá do grande rio do sul. Sem esforço, percebe-se o espírito português sustentando uma identidade tão distinta da de Espanha... No silêncio ensurdecido das gentes e dos velhos brasões, das casas e dos montes, das ruas e dos caminhos de Olivença, ressoa o grito pungente e mudo de uma terra refém, de uma terra por resgatar... 

Bibliografia:

Olivença, *Matos Sequeira e Rocha Júnior*;
 Compilação para o Estudo da Questão de Olivença, *Embaixador L. Teixeira de Sampayo*;
 Olivença, Reflexões sobre Usurpação e Aculturação, *Carlos Consiglieri*;
 Nos Caminhos de Olivença, *Carlos Luna*;
 A Ponte da Ajuda, Estudo Arqueológico, *Manuel Cid*.

ANTÓNIO JOÃO TEIXEIRA MARQUES, Procurador-adjunto, Vice-Presidente do Grupo dos Amigos de Olivença.